

A IMPORTÂNCIA DO ENFERMEIRO NO ÂMBITO DA UNIDADE DE TRATAMENTO INTENSIVO (UTI)

Renato Oliveira Cambeiro¹
Ana Aparecida dos Santos Lobato²

RESUMO

Durante a prática assistencial o enfermeiro deve saber as suas atividades para serem executadas, assim como auxiliar a sua equipe quando necessário. A metodologia utilizada para permear essa pesquisa foi a de revisão bibliográfica, que consiste em uma busca, análise e descrição de um determinado assunto estabelecido em publicações já realizadas, que pode ser utilizada como embasamento teórico. O âmbito da UTI sempre foi visto como algo agressivo para as pessoas em geral e até mesmo para alguns profissionais atuantes na área da saúde, haja vista que algumas pessoas tem a percepção de que o paciente indo para a UTI, a probabilidade de sobrevivência e consequentemente retorno para o âmbito familiar diminuem. Diante disso, faz-se necessário entender onde o enfermeiro e a enfermagem são inseridos para auxiliar no tratamento, é necessário destacar que a respectiva profissão e os seus integrantes precisam possuir uma prática de atuação dinâmica, instrumentalizada e pautada no uso das tecnologias em geral que compõe a UTI. Para alguns profissionais enfermeiros que nunca atuaram no âmbito da UTI, o começo desse ciclo pode apresentar diversas dificuldades como em qualquer outro setor, contudo, no setor supracitado a adaptação deve ocorrer o mais rápido possível. Esse trabalho foi de fundamental importância, para destacar o papel fundamental que o enfermeiro (a) possui perante a equipe de enfermagem e com os demais profissionais da equipe multidisciplinar que compõem o hospital, haja vista que o respectivo profissional deve ter ciência de todos os procedimentos que deverá executar.

Palavras-chave: UTI. Enfermeiro. Atuação.

ABSTRACT

During care practice, nurses must know their activities to be performed, as well as assist their team when necessary. The methodology used to permeate this research was the bibliographic review, which consists of a search, analysis and description of a certain subject established in publications already carried out, which can be used as a theoretical basis. The scope of the ICU has always been seen as something aggressive for people in general and even for some professionals working in the health area, given that some people have the perception that the patient going to the ICU, the probability of survival and consequently return to the family environment decrease. In view of this, it is necessary to understand where nurses and nursing are inserted to assist in the treatment, it is necessary to highlight that the respective profession and its members need to have a dynamic practice, instrumentalized and based on the use of technologies in general that make up the ICU. For some professional nurses who have never worked in the ICU, the beginning of this cycle can present several difficulties as in any other sector, however, in the aforementioned sector, adaptation must occur as soon as possible. This work was of fundamental importance, to highlight the fundamental role that the nurse has before the nursing team and with the other professionals of the multidisciplinary team that make up the hospital, given that the respective professional must be aware of all the procedures that you should run.

Keywords: ICU. Nurse. Performance.

¹ Graduado em Gestão Hospitalar pela Faculdade Brasil Norte – Fabran, Graduado em Enfermagem pela Faculdade de Macapá – FAMA. Pós-Graduado em urgência e emergência. Pós-graduado em UTI pela Faculdade Favoni.

² Graduada em Enfermagem pela Faculdade de Macapá – FAMA. Pós-graduando em Enfermagem e Saúde da mulher

1 INTRODUÇÃO

Para que possa falar do enfermeiro no âmbito da UTI, faz-se necessário primeiramente entender o contexto de UTI e a finalidade desse respectivo setor dentro de um hospital. A Unidade de Terapia Intensiva (UTI), segundo Ouchi et al (2018) foram idealizadas em 1954 durante a Guerra da Criméia, pela Enfermeira Florence Nightingale que observando as condições precárias dos pacientes mais graves e conseqüentemente o aumento dos óbitos, teve a ideia de separar os pacientes conscientes e mais estáveis dos que realmente encontravam-se em um estado de saúde mais instável. Pode-se destacar que o fato de remanejar os soldados/pacientes para uma UTI, também auxiliar numa melhor avaliação clínica e dos sinais vitais dos mesmos.

Durante a prática assistencial o enfermeiro deve saber as suas atividades para serem executadas, assim como auxiliar a sua equipe quando necessário, diante disso o respectivo profissional tem como obrigação em saber manusear todos os equipamentos que compõem a UTI (OUCHI ET AL, 2018).

Quando se fala em equipamentos, o suporte tecnologia no âmbito desse setor é enorme, fazendo com que a disponibilidade dos recursos humanos seja sempre posta há prova, ou seja, faz-se necessário que o profissional enfermeiro tenha a destreza e habilidade para manipular todos esses suportes.

Diante do exposto, esse trabalho tem a seguinte problemática: Qual a importância do enfermeiro na UTI?

Tendo como base o problema exposto anteriormente, foi possível elaborar as seguintes hipóteses: O enfermeiro necessita ter uma boa dinâmica na UTI. O enfermeiro mal preparado pode prejudicar o trabalho de toda equipe intensivista.

Tendo como o seguinte objetivo geral: Compreender a importância do enfermeiro na UTI. Os objetivos específicos são os seguintes: Relacionar as atividades do enfermeiro na UTI; descrever o papel do enfermeiro perante a equipe técnica de enfermagem; Demonstrar a importância do enfermeiro no âmbito da UTI.

Esse trabalho tem como importância para que os profissionais já atuantes que não tiveram a oportunidade de atuar na UTI e os futuros colegas de enfermagem possam entender a importância do enfermeiro no respectivo setor, haja vista que pelo fato de ser um local de acesso restrito, dificultando com isso possíveis visitas técnicas de profissionais de outros setores ou estagiários. Diante disso, esse trabalho apresentar para várias pessoas da comunidade em geral a realidade de atuação em um local que muitas pessoas têm receio de internação própria ou de algum parente, haja vista pela necessidade de isolamento do paciente e aparato tecnológico.

A metodologia utilizada para permear essa pesquisa foi a de revisão bibliográfica que de acordo com a Unesp (2015) consiste em uma busca, análise e descrição de um determinando assunto estabelecido em publicações já realizadas, que pode ser utilizada como embasamento teórico.

Foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: Artigos publicados nas bases de dados da Scielo, Lilacs e BVS, em formato PDF, disponibilizados gratuitamente e

por completos, nos idiomas de português e inglês e no período temporal de 2012 à 2022. E os critérios de exclusão foram os seguintes: Artigos em outras bases de dados que não foram mencionadas acima, em outro tipo de formato que não fosse o PDF, em idiomas além do português e inglês, fora do período temporal estabelecido.

O trabalho foi dividido em três capítulos, esta introdução e considerações finais. O primeiro capítulo relaciona as atividades do enfermeiro na UTI, ou seja, apresenta as atividades que o respectivo profissional desenvolve neste setor, pelo fato que ser um local de difícil acesso, a rotina dever ser demonstrada para as demais pessoas. O segundo capítulo descreve o papel do enfermeiro perante a equipe dos técnicos de enfermagem, como esse profissional auxilia a sua equipe quando necessário, seja em relação ao uso das medicações ou durante as demais atividades como o banho no leito. Por fim, o terceiro capítulo consiste demonstra a importância do enfermeiro na rotina de uma UTI destacando a necessidade do enfermeiro no respectivo setor durante o plantão hospitalar.

2 A ROTINA E A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DO ENFERMEIRO NUMA UTI

2.1 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO ENFERMEIRO NA UTI

Para que ocorra o desenvolvimento das atividades pelo enfermeiro no âmbito da UTI, faz-se necessário que o respectivo profissional tenha conhecimento de toda a gama de equipamentos e procedimentos que abrangem o seu serviço. Diante do exposto, o uso da tecnologia tornar-se um grande aliado na rotina do setor. Ouchi et al (2018) apresenta a divisão da tecnologia no âmbito da enfermagem, e conseqüentemente as usadas no setor supracitado.

Tecnologia leve: consiste na comunicação do processo de comunicação dentro da equipe do setor, ao qual visa encontrar a melhor forma de tratamento para o paciente, fazendo com que o mesmo permaneça o menor período possível internado;

Tecnologia leve-dura: essa apresentação de tecnologia tem como fator principal, o envolvimento de toda a equipe multiprofissional (enfermagem, medicina, fisioterapia, odontologia, psicologia, dentre outras) em prol do paciente, ou seja, cada categoria irá trazer um pouco dos seus conhecimentos para abordar com o enfermo;

Tecnologia dura: compreende o uso de todo o material concreto que um hospital disponibiliza para a equipe de saúde, tais como equipamentos (BIC, monitor multiparâmetros, ventilador mecânico, DEA), mobiliário (leito, computador, carrinho de emergência, mesas para os profissionais usarem no postinho de enfermagem) e por último, mas não menos importante, os itens de consumo hospitalar diário (gazes, luvas, máscaras, gorros, ataduras, compressas, SF 0,9%, seringas, agulhas, esparadrapo).

O enfermeiro de UTI trabalha em um ambiente onde vida e morte, humano e tecnológico encontram-se em

luta constante. Apesar de existirem vários profissionais que atuam na UTI o enfermeiro é o responsável pelo acompanhamento constante, conseqüentemente possui o compromisso dentre outros de manter a homeostasia do paciente e o bom funcionamento da unidade (OUCHI ET AL, 2018, online).

A sobrecarga de trabalho, tanto física quanto mental sobre o enfermeiro da UTI é considerada muita grande, haja vista, que conforme citado acima pelo autor, o convívio constante com a vida ou a morte do paciente são constantes. Essa situação apresenta-se pelo fato de que o enfermeiro precisa realizar trâmites burocráticos em relação à assistência do paciente e no óbito também.

Em virtude de toda a sobrecarga citada acima, o enfermeiro precisa ter aptidão tanto física quanto mental, para que possa realizar todas as atividades ao qual o mesmo será cobrado, sendo que o perfil profissional deve ser analisado criteriosamente (CORREIO ET AL, 2015). Diante do exposto, faz-se necessário que o respectivo profissional tenha todo um domínio das tecnologias disponíveis, sobre tudo, as mais novas, haja vista que ele irá se depara com tal situação.

No caso da assistência para manter a vida do paciente, é necessário que haja toda uma equipe de técnicos em enfermagem para dar esse suporte ao enfermo, providenciar materiais para manter os cuidados e os aspectos básicos do ser humano íntegros (banho, manter o paciente limpo após ele evacuar ou urinar). Já no caso dos óbitos, providenciar o preparo do corpo juntamente com a equipe de enfermagem.

Para alguns profissionais enfermeiros que nunca atuaram no âmbito da UTI, o começo desse ciclo pode apresentar diversas dificuldades como em qualquer outro setor, contudo, no setor supracitado a adaptação deve ocorrer o mais rápido possível, pelo fato de que os pacientes internados ali estão em um quadro clínico mais grave e instável na maioria dos casos.

Em algumas situações, o enfermeiro deve-se abdicar da assistência direta com o paciente para poder atuar na coordenação da equipe de plantão, sendo assim Cenedési et al (2012) corroboram que a coordenação clínica do enfermeiro (a) faz-se necessário pelo fato de esse profissional conhece todo o fluxo da unidade hospitalar (internação, transferência entre os setores, documentação necessária para solicitar para os familiares, direcionamento da solicitação dos exames médicos), ao qual o mesmo está inserido.

Baseando-se no entendimento anterior exposto pelos autores citados, o enfermeiro (a) intensivista pode dividir a sua atuação ao longo do plantão em cuidados técnicos geral e especializado, que podem ser entendidos da seguinte forma:

Entre os cuidados gerais, encontra-se a prescrição de enfermagem e a atualização do censo (anotação de informações acerca do estado dos pacientes em uma tabela própria), que são realizadas exclusivamente por esses profissionais. Já os cuidados especializados são predominantemente realizados pelos enfermeiros, visto pressupor-se que são eles que possuem os conhecimentos e as habilidades necessárias para o desempenho de tais cuidados, não podendo ser delegados aos profissionais de nível médio (CENEDÉSI et al, 2012, online).

Entretanto a assistência de enfermagem quando se trata do enfermeiro, não é exclusivamente apenas com o paciente, mas compreende os familiares também, haja vista que muitas pessoas que não possuem o conhecimento a cerca da UTI, ficam impressionados e impactados com os diversos procedimentos invasivos que podem ocorrer com o paciente.

Dallaire e Dallaire (2012) afirmam que cabem aos enfermeiros o processo de educar os familiares a cerca de todo o processo de internação na UTI, explicando para que serve todo aquele aparato tecnológico e profissional, fazendo com que os mesmos se sintam envolvidos no processo de recuperação do seu familiar.

Em relação ao paciente, cabe ao enfermeiro os cuidados com CVC, ISC, SVS, SNG, feridas, haja vista que esses cuidados, tanto em relação ao curativo quanto ao manejo correto dos dispositivos, contribuem para a diminuição das infecções (BOMJADIM, RONQUETE E MUNIZ, 2021). Com exceção da passagem do CVC que é de competência médica, a passagem dos demais dispositivos são de competência do enfermeiro (a) do plantão, em virtude disso, o conhecimento técnico científico é de fundamental importância.

Quando se trata de feridas, o enfermeiro (a) deve possuir ainda mais conhecimento, pelo fato do uso correto das coberturas para tipo de ferida, para cada tipo de tecido que a ferida poderá apresentar, os cuidados é uma prática diária que deve ser executada pelo profissional citado acima.

Oliveira e Santos (2018) corroboram que é necessária uma visão ao qual busca relacionar diversos pontos que podem interferir e influenciar em todo esse processo de cicatrização, principalmente as patologias de base, padrões nutricionais, infecções, medicamentos e principalmente, o rigor do curativo.

2.2 O PAPEL DO ENFERMEIRO PERANTE A EQUIPE DOS TÉCNICOS EM ENFERMAGEM

No âmbito da UTI, existem uma equipe multiprofissional (enfermeiros, técnicos em enfermagem, fisioterapeutas, médicos, dentre outros), sendo que o COFEN (2017) afirma que o enfermeiro tem papel importante nesse contexto, principalmente perante os profissionais de enfermagem pelo fato de que a sua atuação é indispensável para os cuidados dos pacientes críticos, sendo necessário em certos procedimentos e intercorrências terem que tomar a frente perante a equipe de enfermagem. Contudo, não é somente nesses momentos, o enfermeiro precisa possuir conhecimento e domínio de todo o processo administrativo e fluxograma dos hospitais, para que seja dando encaminhamento adequado das demandas solicitadas para o paciente.

O enfermeiro intensivista se encarrega de estar atento a um conjunto de informações que incluem sinais vitais, equilíbrio hídrico, uso de drogas vasopressoras, administração precisa de antibioticoterapia prescrita, coleta adequada e acompanhamento de materiais biológicos para exames laboratoriais, avaliação acurada do nível de consciência, dentre outros (MAGALHÃES et al., 2021, online).

Diante do exposto, Oliveira e Santos (2018) salientam que o enfermeiro (a) deve possuir e assumir o papel de gerenciador ao longo do plantão, fazendo com que seja necessário o desenvolvimento das habilidades em equipe para que ocorra isso. É de fundamental importância essa habilidade em trabalhar com diversas pessoas, porque poderá ocorrer o conflito dentro da equipe dos técnicos em enfermagem, em virtude de algum ponto de vista ou opinião diferente que sempre ocorre na assistência, e o chefe da equipe sabendo lidar com esses conflitos, rapidamente poderá contornar tal situação.

A necessidade do enfermeiro possuir destreza para gerenciar o conflito, é em virtude de que o fato de hoje em dia ser considerado a era da tecnologia, ou seja, qualquer pessoa possui acesso a internet e redes sociais através de um celular, as notícias e os conflitos rápido se espalham (ROTHERBARTH ET AL, 2016). Exposto isso, a partir do momento de um possível surgimento de conflito, é de fundamental importância a presença do chefe da equipe, para que possa imediatamente resolver essas questões.

Contudo, não cabe ao enfermeiro apenas esses gerenciamentos de conflitos, mas também auxiliar a equipe de enfermagem durante os plantões, seja no momento de um procedimento mais complexo que é privativo desse profissional quanto no grau de orientar e auxiliar em algum procedimento que o técnico em enfermagem tenha dúvida.

Martins et al (2012) destacam que o trabalho em equipe é uma das competências que a enfermagem deve possuir e ter em mente, auxiliando justamente um ao outro, quando houver dúvidas ou em procedimentos de grande complexidade.

Entende-se para que o enfermeiro (a) possa ser reconhecido e respeitado como o chefe da equipe, é de fundamental importância que o mesmo possua conhecimento técnico-científico e que ande lado a lado com a sua equipe, ou seja, sempre está disponível para ajudar e defender a equipe de enfermagem nos debates. Silva e Guedes (2016) salientam que essas situações são resultados das vivências no dia a dia, que cada paciente necessita de um cuidado específico e que nem sempre o profissional que está ali no plantão possui esse domínio, por isso é chamado trabalho em equipe.

Obter a finalidade com as funções que são desempenhadas e com os demais integrantes da equipe multiprofissional, sobretudo com os técnicos em enfermagem, são primordiais para o enfermeiro (a) (AMORIM, 2013).

Esse entendimento é de fundamental importância para que toda a equipe de enfermagem possa possuir o mesmo entendimento e possam em diversos casos se conhecerem apenas pelo olhar, para que assim saibam o que deve ser feito.

2.3 A IMPORTÂNCIA DO ENFERMEIRO NA ROTINA COMPLEXA DE UMA UTI

O âmbito da UTI sempre foi visto como algo agressivo para as pessoas em geral e até mesmo para alguns profissionais atuantes na área da saúde, haja vista que algumas pessoas têm a percepção de que o paciente indo

para a UTI, a probabilidade de sobrevivência e conseqüentemente retorno para o âmbito familiar diminuem, e a evolução das doenças existentes atualmente corroboram para que se tenha ainda mais essa visão.

Mauricio et al (2017) destacam que a UTI é entendida como um setor intra-hospitalar que recebe pacientes críticos, sujeitos a alto risco de morte e que necessitam de uma atenção mais especializada assim como profissionais mais preparados, haja vista que a disponibilidade de recursos tecnológicos é maior.

Diante disso, faz-se necessário entender onde o enfermeiro e a enfermagem são inseridos para auxiliar no tratamento. Campos (2014) destaca que a respectiva profissão e os seus integrantes precisam possuir uma prática de atuação dinâmica, instrumentalizada e pautada no uso das tecnologias em geral que compõe a UTI.

O enfermeiro apesar de não ser psicólogo formado, durante a sua formação perpassa por disciplinas focadas para trabalhar o emocional do paciente e até do acompanhante em alguns casos. Partindo desse pressuposto, o respectivo profissional também ajuda o paciente que estiver consciente no âmbito da UTI a superar todos os obstáculos e medos, até o momento da sua alta, haja vista que nesse local de internação existem vários fatores que alteram o emocional do enfermo, tais como:

O contexto de assistencial aos pacientes em UTI, muitas vezes é desafiador. Pois, são ambientes com ruídos, alarmes e de procedimentos invasivos constantes, soma-se ao fato de que a estruturação destes ambientes pautados na burocracia e na despersonalização dos pacientes, são limitadores na implementação de políticas voltadas à humanização (OUCHI ET AL, 2018, online).

Contudo não são apenas esses entraves enfrentadas pelo enfermeiro e sua equipe no âmbito da UTI, as dificuldades ao longo do processo ensino-aprendizagem na graduação tornam-se grandes barreiras, para que possa ser melhor conduzido todo esse processo (NUNES, 2020). Claro que se sabe que ao final da graduação, os profissionais recém-formados não possuem todo o conhecimento e despreza para se atuar neste setor, porém os mesmos já possuem um pouco de todo entendimento e forma de atuação para se tornar um intensivista.

Porém, mesmo não tendo domínio suficiente para atuar em uma UTI, o profissional muitas das vezes não tem escolha e é designado justamente para trabalhar neste setor. Todavia, é de suma importância que o enfermeiro (a) recém chegado na UTI compreenda rapidamente toda a dinâmica do setor e a formar de trabalho, haja vista que Costa et al (2014) afirmam que a superação dos obstáculos tem como fundamental importância em razão do atendimento adequado dos enfermos ali internados, sempre obedecendo os preceitos éticos que norteiam o atendimento com qualidade e segurança.

Conforme exposto anteriormente, em um primeiro momento existe aquele impacto de se deparar com pacientes intubados, edemaciados, com diversos

dispositivos (CVC, SVD, SNG, BIC, AVP, TOT, TQT) instalados e introduzidos ao longo do corpo. Todavia em estudos já realizados chegou-se a conclusão de que após esse primeiro impacto, o enfermeiro (a) deve-se se aprimorar e conseqüentemente tornar-se apto para lidar com todos os equipamentos, dispositivos e ocorrências que pode apresenta-se ao longo de um plantão (COSTA ET AL, 2014).

Exposto os mais diversos entendimentos dos autores supracitados, o enfermeiro (a) deve entender e posteriormente desenvolver as suas atividades conforme a necessidade do paciente, a disponibilidade de equipamentos, o quantitativo de profissionais na equipe de enfermagem, o tempo para o cuidado em cada paciente e por último, porém não menos importante, sabe avaliar o enfermeiro para que posteriormente coloque no seu relatório tudo o que pode coletar de informação do paciente, para que toda a equipe fique respaldado caso ocorra alguma alteração no quadro clínico do paciente.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível observar ao longo do trabalho, que o enfermeiro (a) deve ser o mais preparado possível para atuar no âmbito da UTI, haja vista que os pacientes que ali estão, encontram-se em um estado de saúde considerado crítico, então qualquer descuido, mesmo que seja o menor, pode ocasionar o óbito de um enfermo. Sendo assim, a presença de um profissional qualificado deve ser levado em conta no momento da escolha da equipe de enfermagem, sobretudo do enfermeiro, pelo fato de que esse profissional será o responsável por toda uma equipe de enfermagem.

Contudo, não basta o enfermeiro (a) ter qualificação profissional e experiência, o convívio com a equipe de enfermagem é de fundamental importância para que o ambiente de trabalho permaneça leve e o mais ético possível, fazendo com que os técnicos em enfermagem possam confiar no chefe da equipe ao longo do plantão e das possíveis decisões que o mesmo possa vim a tomar.

Para que o enfermeiro (a) possa apresentar bom desempenho de sua função, o mesmo deve possuir o domínio de grande parte dos equipamentos tecnológicos disponíveis no ambiente de UTI, assim como saber os procedimentos que o mesmo deve executar.

Esse trabalho foi de fundamental importância, para destacar o papel fundamental que o enfermeiro (a) possui perante a equipe de enfermagem e com os demais profissionais da equipe multidisciplinar que compõem o hospital, haja vista que o respectivo profissional deve ter ciência de todos os tramites burocráticos e protocolos da instituição de saúde ao qual está inserido. Todo esse domínio, faz-se pelo fato de que o enfermeiro (a) que irá conduzir todos os processos de exames, documentos ou transferências que o paciente deverá realizar.

REFERÊNCIAS

AMORIM, L. K. A. A perspectiva do enfermeiro frente a sua valorização profissional e social. **17º Congresso Nacional de Iniciação Científica**. Centro Universitário Adventista de São Paulo. 2016. Disponível em:

<https://conic-semesp.org.br/anais/files/2017/trabalho-1000025718.pdf>

BOMJARDIM, Gabriela Ribeiro; RONQUETE, Samantha dos Santos; MUNIZ, Vinicius de Oliveira. **Atribuições do enfermeiro em uma unidade de terapia intensiva adulto: revisão integrativa da literatura**. Trabalho de conclusão de curso, 2021. Disponível em: <https://dspace.doctum.edu.br/bitstream/123456789/3676/1/TCC%20%20ENFERMAGEM%201.2021%20-%20ATRIBUI%C3%87%C3%95ES%20DO%20ENFERMEIRO%20EM%20UMA%20UNIDADE%20DE%20TERAPIA%20INTENSIVA.pdf>

CAMPOS, J.F. A atuação do enfermeiro em unidade de terapia intensiva na pandemia de Covid 19: relato de experiência. **Revista eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 11, agosto 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/ANASAN-1/AppData/Local/Temp/4935-Artigo-56505-3-10-20201127-1.pdf>

CENEDÉSI, Micheli Grande et al. Functions developed by nurse in an intensive care unit. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste – REVRENE**, v. 13, n. 1, 2012, p. 92-102. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3240/324027980012.pdf>

COFEN – CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. **Atribuições do enfermeiro em uma unidade de terapia intensiva adulto: revisão integrativa da literatura**. Trabalho de conclusão de curso, 2021. Disponível em: <https://dspace.doctum.edu.br/bitstream/123456789/3676/1/TCC%20%20ENFERMAGEM%201.2021%20-%20ATRIBUI%C3%87%C3%95ES%20DO%20ENFERMEIRO%20EM%20UMA%20UNIDADE%20DE%20TERAPIA%20INTENSIVA.pdf>

CORREIO, R. A. P. P. V. et al. **Atribuições do enfermeiro em uma unidade de terapia intensiva adulto: revisão integrativa da literatura**. Trabalho de conclusão de curso, 2021. Disponível em: <https://dspace.doctum.edu.br/bitstream/123456789/3676/1/TCC%20%20ENFERMAGEM%201.2021%20-%20ATRIBUI%C3%87%C3%95ES%20DO%20ENFERMEIRO%20EM%20UMA%20UNIDADE%20DE%20TERAPIA%20INTENSIVA.pdf>

COSTA, Deiziane Viana da Silva et al. **A ética no contexto do cuidado de enfermagem na unidade de terapia intensiva: revisão integrativa**. 2014. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/11066/1/2014_art_itluna.pdf

DALLAIRE, C; DALLAIRE M. Functions developed by nurse in an intensive care unit. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste – REVRENE**, v. 13, n. 1, 2012, p. 92-102. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3240/324027980012.pdf>

MAGALHÃES ET AL. **Atribuições do enfermeiro em**

uma unidade de terapia intensiva adulto: revisão integrativa da literatura. Trabalho de conclusão de curso, 2021. Disponível em:
<https://dspace.doctum.edu.br/bitstream/123456789/3676/1/TCC%20%20ENFERMAGEM%201.2021%20-%20ATRIBUI%C3%87%C3%95ES%20DO%20ENFERMEIRO%20EM%20UMA%20UNIDADE%20DE%20TERAPIA%20INTENSIVA.pdf>

MARTINS, A. R. ET AL. The teamwork in nursing: cooperation to conflict. **Rev. Gest. Saúde**, v. 7, n. 2, 2016. P. 521-534. Disponível em:
<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5555895.pdf>

MAURICIO, L. F. S. et al. **Atribuições do enfermeiro em uma unidade de terapia intensiva adulto: revisão integrativa da literatura.** Trabalho de conclusão de curso, 2021. Disponível em:
<https://dspace.doctum.edu.br/bitstream/123456789/3676/1/TCC%20%20ENFERMAGEM%201.2021%20-%20ATRIBUI%C3%87%C3%95ES%20DO%20ENFERMEIRO%20EM%20UMA%20UNIDADE%20DE%20TERAPIA%20INTENSIVA.pdf>

NUNES, Maurício Rouvel. A atuação do enfermeiro em unidade de terapia intensiva na pandemia de Covid 19: relato de experiência. **Revista eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 11, agosto 2020. Disponível em:
<file:///C:/Users/ANASAN~1/AppData/Local/Temp/4935-Artigo-56505-3-10-20201127-1.pdf>

OLIVEIRA, Priscila Menezes de Mello; SANTOS, Leonardo Pereira. The role of nurses in the treatment of injuries in the intensive care unit. **Revista Pró-universus**, v. 9, n1, jan./jun. 2018. Disponível em:
<http://editora.universidadevassouras.edu.br/index.php/RPU/article/download/1265/947>

OUCHI, Janaina Daniel et al. O papel do enfermeiro na unidade de terapia intensiva diante de novas tecnologias em saúde. **Revista Saúde em Foco**, 10 ed, 2018. Disponível em:
https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/07/054_O_PAPEL_DO_ENFERMEIRO_NA_UNIDADE_DE_TERAPIA_INTENSIVA.pdf

ROTHERBARTH, Alexandra de Paula, et al. **Rev. Gest. Saúde**, v. 7, n. 2, 2016. P. 521-534. Disponível em:
<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5555895.pdf>

SILVA, Débora Passarelli; GUEDES, Maria de Lourdes Moura. A perspectiva do enfermeiro frente a sua valorização profissional e social. **17º Congresso Nacional de Iniciação Científica**. Centro Universitário Adventista de São Paulo. 2016. Disponível em:
<https://conic-semesp.org.br/anais/files/2017/trabalho-1000025718.pdf>

UNESP, Faculdade de Ciências Agrônomicas. **Tipos de revisão de literatura**. Biblioteca Prof. Paulo de Carvalho

Mattos, Botucatu, 2015. Disponível em:
<https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-evisao-de-literatura.pdf>